

Globethics Repository



Doença, dor, sofrimento e morte [Disease, pain, suffering, and death]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Torres, Julio
Publisher	Centro Universitário São Camilo
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-07-13 09:25:27
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/214515

Doença, dor, sofrimento e morte

Disease, pain, suffering, and death
Molestia, dolor, sufrimiento y muerte

Julio Torres*

Nós, os profissionais da saúde, somos treinados, comumente até a exaustão, a utilizar o raciocínio científico; somos induzidos a pensar e a agir cientificamente, rigorosamente dentro da boa técnica, balizada pelo conhecimento haurido da pesquisa. Não são muitos os que, sentindo a fragilidade movediça do solo em que pisam, destinam uma parcela de seu tempo, ou de suas vidas, ou de suas noites, para elucubrar assuntos fora do que supõem ser a base de suas profissões – a ciência. Também pudera. Não sobra tempo para isso; na academia o que nos é exigido de dedicação consome-nos até o âmagô do ser, desidrata os nossos pensamentos e nos induz a uma anorexia para tudo o que não é voltado para os binômios causa/efeito, normal/patológico, saúde/doença, diagnóstico/tratamento etc. Nenhum currículo das áreas da saúde, que eu saiba, contempla o estudo da Filosofia. Metafísica e Teologia então, nem pensar. Não dá tempo.

No entanto, quando nos despimos do branco, quando, literalmente, tiramos a máscara e as luvas; quando o que passa a importar, de fato, não é mais a base técnica, mas a fragilidade humana e a dor que mora n'alma, surge, de repente, a necessidade de tentar desvendar outros campos, por certo muito mais importantes, sobre os quais não tivemos tempo – ou não nos foi concedido – de meditar sobre eles. Daí a importância dos temas anunciados no título: **doença, dor, sofrimento e morte**. Aparentemente, só coisa ruim. Se não vejamos:

Que absurdo morrer!!! Mas todos morremos; então não é absurdo (=contrário à razão). A morte está íntima e inseparavelmente ligada à vida. Não se pode nem afirmar que é a sua antítese porque, na verdade, é o seu destino derradeiro e inevitável, da mesma forma que o porto final é o destino de uma viagem. Quero dizer: o fim de uma viagem é, na verdade, o seu objetivo, a razão de ela ter existido. Cada ser vivo, gerado em um instante X, vai evoluir, naturalmente, para a morte, variando apenas o

tempo que irá decorrer entre os dois momentos. Cada espécie tem uma média de duração temporal.

Considerando-se a vida como um fenômeno geral, a situação fica mais complexa ainda, pois, para cada espécie viva que atualmente existe, há mil outras que desapareceram, que deixaram de existir ao longo do processo da evolução. Por quê? Sabe lá! Bem, quanto à vida, é melhor parar por aqui, pois há muitas perguntas sem resposta, muitas questões complicadas.

No mundo biológico, a vida é, frequentemente assaltada pela **doença**, que, não raramente, leva a melhor. Não é desejo da Medicina que isso aconteça, muito pelo contrário, mas... continua acontecendo, embora cada vez menos. Doenças provocam **dor** nos seus portadores e nos que estão ao seu redor. Às vezes até, por encontrar-se o doente em estado de inconsciência, os espinhos da dor ferem apenas os circunstantes.

O mar do **sofrimento** é maior ainda que o da dor física, pois resiste a terapêuticas vigorosas.

O CECOM (Centro de Controle de Oncologia) é um lugar por excelência, entre outros serviços de saúde, onde mais nitidamente questões dessa natureza são experimentadas e vividas. Aqui, o que para muitos é distante, longínquo e quase abstrato, é sentido na flor da pele, todas as horas, de todos os dias. É, por certo, um sítio onde os profissionais da saúde têm a oportunidade de ver, sentir, meditar e analisar fenômenos humanos diversos.

Se deixarmos as nossas mentes em repouso laborativo e soltarmos as âncoras que as prendem ao leito das preocupações quotidianas, um assunto que vem à tona, pelo menos como dúvida, como inquietação, é a **FÉ**, decisão pessoal e intransferível de crer no que não é científico, embora não seja irracional. Não há, de fato, uma contradição forte entre ambas. O limite entre a ciência e fé é indefinido como a noite. Convém, pois, respeitá-la, quanto mais não seja, por não haver qualquer motivo lógico para refutá-la.

* Médico. Professor titular da UFAM – Universidade Federal do Amazonas. Ortopedista do CECOM – Centro de Controle de Oncologia e Presidente do CRM-AM. E-mail: torres.julio@terra.com.br

Cientificamente, o ser humano é **extremamente** parecido com os outros animais e quase igual a muitos deles; o genoma do chimpanzé, por exemplo, é 98,4% igual ao nosso e um pé de milho tem o mesmo número de genes que nós. Nem um nem outro são capazes de pensar nem de amar. A inteligência humana não repousa serenamente sobre bases científicas; há mais dúvidas que certezas.

Não é prudente simplesmente ignorar a questão como fazem as avestruzes escondendo a cabeça para não enxergar.

Assim como as linhas de pensamento científico, a fé também tem seus caminhos diversos e até históricos. Os teólogos são, de certa forma, os cientistas da fé. O ponto zero é a existência de Deus, Criador, amante, apaixonado por suas criaturas. A opção é clara: ou achamos que tudo surgiu do nada, casualmente, ou foi criado; se criado, há que existir um criador e a possibilidade matemática de tudo ter sido organizado por acaso é infinitamente próxima de zero. Isso é científico. A quem gerou todas as coisas a partir do nada tudo é possível. Como corolário da fé na existência de Deus está a convicção de que a vida é infinita para os humanos. É uma dedução razoável posto que nos parecemos muito mais com o Criador que com as outras criaturas, em termos de inteligência criativa. Também é científico que os humanos, desde que principiaram a existir como seres pensantes, acreditam nesta hipótese, a da vida que continua depois da morte física. Há 60 mil anos, não havia ninguém pregando doutrina alguma. A ideia da imortalidade foi intuitiva e perdura até nós. É científico? Não. Mas é evidente. É razoável se supor que esta ideia de que não morreremos foi, em verdade, plantada por Deus em nossos corações desde sempre.

Resumindo: a um ateu não faz sentido algum crer na imortalidade humana; a um agnóstico, será, por certo, duvidoso; mas para quem crê na existência de Deus nada mais lógico que concluir que, de fato, não morreremos. É isso aí. Se Deus existe, seria um absurdo os humanos morrerem, a não ser que Ele não fosse assim tão poderoso como se supõe.

Partindo do pressuposto de que Deus de fato existe – e não há como provar o contrário – entende-se que, no toque de semelhança consigo com que nos brindou,

incluiu a Sua imortalidade. Pode-se concluir que a morte física não é absurda. Morrer fisicamente é tão bom como nascer, desta feita em outra dimensão. Nada há o que temer. Raciocinando em termos finitos: suponhamos que tenhamos de caminhar 10 mil quilômetros, por exemplo; o espaço percorrido de 1, 10, 50 ou 100 metros não iria representar nada em relação ao todo. Assim é a vida humana: sua porção finita é desprezível em relação à infinita.

O CECOM é um sítio de acrisolamento da vida. Lá o ouro livra-se de suas impurezas para brilhar eternamente, quando nós – os ourives da terra – não conseguimos mais segurá-la em nossas mãos, apesar de todos os esforços. O número de perdas de vidas está diminuindo progressivamente. Já há muito que festejar e abunda uma fartura de sorrisos depois das lágrimas derramadas; mas a hipótese de diagnóstico de neoplasia continua sendo uma notícia medonha em todos os lugares do mundo e ainda está longe o dia de se anunciar que o problema já foi resolvido. Enquanto esse dia não chegar, aquele hospital continuará sendo uma espécie de purgatório terrestre, calvário de muitos. O sacrifício, a dor e o sofrimento não são agradáveis a Deus, mas costumam – quando a mente não é avessa nem o coração petrificado – amainar o orgulho, a vaidade e a prepotência, tão perniciosas à convivência feliz com o divino. A conformação sem sentimento de derrota diante do inexorável bem serve para revelar o diminuto tamanho que a criatura tem diante do Criador.

Lá é também um lugar propício por excelência à prática do amor e da caridade. Servidores de diversas profissões e familiares dedicam-se a cuidados desmesurados e desinteressados. Essa prática aperfeiçoa as pessoas, tornando-as mais dóceis à vontade expressa de Deus quando nos diz: “ama o próximo como a ti mesmo”.

Enxergamos membros deformados ou mutilados, seres emagrecidos pela consumpção da doença, peles manchadas pela radio e glabras pela quimioterapia em crianças e adultos. À luz da fé, no entanto, por certo se pode descobrir um outro mundo, muito mais belo e sedutor que aquele visível aos olhos. Pela ótica da fé, a esperança é muito maior que a doença. Convém parar um pouco para meditar sobre isso.